

Harry Potter: reflexões sobre preconceito na indústria cultural ¹

Milena de Azeredo Pacheco VENANCIO²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

O artigo proposto visa elucidar como o preconceito é retratado na série Harry Potter, um produto midiático próprio da indústria cultural. A partir de revisão bibliográfica, o estudo partirá de elementos da série, enquanto produto de comunicação de massa, que serão analisados no contexto da indústria cultural com base nos estudos culturais. Então, serão discutidos aspectos das relações de preconceito e identidade na vida cotidiana que são verificadas de forma análoga na história do bruxo inglês. Assim, busca-se compreender como, ainda que seja um produto próprio da indústria cultural, a série Harry Potter possa apresentar um potencial reflexivo acerca de determinados preconceitos vigentes na sociedade.

Palavras-chave: Harry Potter; preconceito; indústria cultural.

Introdução

Na sociedade atual, o preconceito se faz presente, sendo cada vez mais explícita a hostilidade a raças, crenças, escolhas e culturas diferentes. O choque perante a diversidade permite, então, refletir sobre as relações sociais do indivíduo com toda a heterogeneidade que compõe o cotidiano. Segundo Heller (2000, p. 20), “a vida cotidiana é a vida do indivíduo”, logo, não há como se explicar o homem sem perceber o cotidiano que o cerca e a diversidade que o compõe.

O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico. Considerado em sentido naturalista, isso não o distingue de nenhum outro ser vivo. Mas, no caso do homem, a particularidade expressa não apenas seu ser ‘isolado’, mas também seu ser ‘individual’. Basta uma folha de árvore para lermos nela as propriedades essenciais de todas as folhas pertencentes ao mesmo gênero; mas um homem não pode jamais representar ou expressar a essência da humanidade. (HELLER, 2000, p. 20)

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – GP Comunicação e Culturas Urbanas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense, email: milena.pacheco@gmail.com.

Assim sendo, seria paradoxal a não aceitação das diferenças, visto que todo indivíduo é, essencialmente, diferente de outro. No entanto, ao se notar o preconceito que norteia o cotidiano, também se apresentam alternativas para a busca de diálogos a partir do que diferencia cada um, de modo a discutir as relações de preconceito. E a produção midiática, dado o alcance que possui, é um meio em que podem ser enunciadas possibilidades de abertura ao diferente, a partir de narrativas que utilizem o preconceito como elemento de destaque.

Nesse sentido, a série Harry Potter chama a atenção. Apesar de a própria autora J.K. Rowling ter exigido, em princípio, um elenco totalmente britânico para os filmes³, há uma diversidade cultural apresentada no contexto no qual se passa a história. Surgem discussões sobre o preconceito de raça, através da busca pelo domínio dos bruxos de “sangue puro” sobre os que possuem ascendência “trouxa”⁴ representada especialmente pelo principal vilão da história, Lord Voldemort; de preconceito social, com as humilhações sofridas pelo personagem Rony pelo fato de sua família ter problemas financeiros; sentimentos de medo e curiosidade despertados pela própria presença de Harry Potter entre os colegas, por ser sobrevivente de um ataque que em circunstâncias normais, nenhum bruxo sobreviveria, além de outros elementos constitutivos do enredo que determinam um eixo narrativo em torno da relação com o diferente e o preconceito sobre o outro.

As relações de preconceito enunciadas ao longo da narrativa permitem, ainda, segundo pesquisas, que o próprio público reflita sobre o tema, e apresente maior tolerância a determinados setores da sociedade que dele são alvo⁵.

Nota-se, assim, uma abordagem no enredo que reproduz, na escala ficcional, uma estrutura de poder dentro da qual se insere a disputa entre o agir ético ante a diferença do outro e o preconceito que tal diferença acarreta. Logo, a série sobre o bruxo inglês apresenta as relações de preconceito vigentes na sociedade, o que pode vir a exercer influência sobre

³ Ver “Harry Potter and the Philosopher’s Stone”. Disponível em <http://www.theguardian.com/film/2001/nov/16/jkjoannekathleenrowling>. Acesso em 08/07/2015.

⁴ “Touxa” é a tradução aplicada à palavra “muggle” que, nos livros e filmes da série, é utilizada para designar as pessoas que não possuem poderes mágicos.

⁵ O Journal of Applied Social Psychology publicou em 2014 a pesquisa “The greatest magic of Harry Potter: reducing prejudice” (“A maior magia de Harry Potter: reduzir o preconceito”, em tradução livre), em que são apresentados resultados de maior tolerância de certos grupos de estudantes que tiveram contato com a série a minorias como imigrantes, homossexuais e refugiados. O estudo se encontra disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jasp.12279/pdf>. Vários veículos de comunicação também divulgaram informações sobre o trabalho, como a Revista Galileu (disponível em <http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Psicologia/noticia/2014/07/ler-harry-potter-ensina-criancas-lutar-contra-o-preconceito1.html>) e Pacific Standard (disponível em <http://www.psmag.com/books-and-culture/harry-potter-battle-bigotry-87002>).

indivíduos, tornando-se um instrumento de mudança. No entanto, seria uma intencional discussão sobre as diferenças e as formas de preconceito que levam a presença destes fatores na série? Nota-se que, ao apresentar a diversidade e o preconceito que algumas minorias na história sofrem, Harry Potter consegue algo que evidencia o sucesso cultural e comercial⁶ que possui desde 1997, quando foi lançado o primeiro livro, até hoje, anos depois do lançamento do último filme, em 2011: identificação do público com a série a partir da pluralidade de seus personagens e narrativas. Sobre o fato, Borelli (2007) comenta à luz de Smith (2003):

(...) a reflexão sobre literatura infanto-juvenil teria que dar conta, a priori, dessa compreensão de que há, ao mesmo tempo, jovens universais, capazes de ler Harry Potter em qualquer lugar do mundo e de reconhecer nessas narrativas as matrizes culturais originárias por meio das quais eles poderiam projetar referências e identificarse com a trama proposta. Isto explicaria, por exemplo, a dúvida de Rowling sobre as razões do sucesso de Harry Potter nos Estados Unidos. Quando solicitada a esclarecer sobre esse tema, a autora pondera: “São livros tão britânicos! Não há personagens americanos. Não tenho explicação para isso” (BORELLI, 2007, p. 9)

A afirmação de Borelli acompanha as palavras de SMADJA (2004, p. 51), quando esta diz que “a multiplicação das fontes às quais o texto remete pode explicar a universalidade do sucesso de Harry Potter [...] os livros vão ao encontro de um imaginário que, inevitavelmente, haveria de ultrapassar a insularidade britânica”.

Percebe-se, então, que o grande sucesso, inclusive comercial, da história do bruxo inglês se deve ao fato de que são a narrativa apresenta elementos comuns a inúmeras culturas ao redor do mundo. Pluralidade a qual é uma das bases do sucesso da comunicação de massa, pois como afirma Thompson (2013, p. 51) “o que importa na comunicação de massa não está na quantidade de indivíduos que recebe os produtos, mas no fato de que estes produtos estão disponíveis em princípio para uma grande pluralidade de destinatários” (THOMPSON, 2013, p. 51).

Ainda que a quantidade de indivíduos que recebe os produtos não seja fator determinante, a série Harry Potter, uma vez que se direciona a um público plural, atinge

⁶ De acordo com o portal R7, em 2011, antes da estreia do último filme da série Harry Potter, eram cerca de 400 milhões de livros vendidos e bilheterias mundiais superiores a 6 bilhões de dólares. Disponível em <http://entretenimento.r7.com/cinema/noticias/conheca-os-impressionantes-numeros-de-harry-potter-20110705.html?question=0>. A bilheteria do último filme (Harry Potter e as relíquias da morte – parte 2), aliás, se tornou a terceira maior do cinema mundial, sendo superada em 2012 por “Os vingadores”. Disponível em <http://cinemacomrapadura.com.br/noticias/267580/os-vingadores-e-a-terceira-maior-bilheteria-mundial-do-cinema/>.

também mais consumidores em potencial. Se o discurso adotado na história permite uma reflexão sobre o preconceito e as diferenças, por outro lado consegue, com isso, um maior público também para tantos produtos lançados a partir do sucesso dos livros e filmes, como games, audiolivros e acessórios licenciados⁷. Logo, o potencial social da série também é seu potencial comercial.

“Uma vez concluído, o discurso deve então ser traduzido – transformado de novo – em práticas sociais, para que o circuito ao mesmo tempo se complete e produza efeitos. Se nenhum ‘sentido’ é apreendido, não pode haver ‘consumo’. Se o sentido não é articulado em prática, ele não tem efeito” (HALL, 2003, p. 366)

Os estudos culturais britânicos, escola de Hall, entendem a cultura a partir da forma como a mesma se situa no processo de dominação ou resistência. Segundo Kellner (2001, p. 47), eles “situam a cultura no âmbito de uma teoria da produção e reprodução social, especificando os modos como formas culturais serviam para aumentar a dominação social ou para possibilitar a resistência e a luta contra a dominação”. Nesse aspecto, Harry Potter leva a uma reflexão sobre o lugar que ocupa enquanto produto da indústria cultural. Há, no enredo, questões a serem abordadas sobre os elementos constitutivos da narrativa literária, e em sua passagem para os filmes, verificando-se nos mesmos o protagonismo de crianças/adolescentes oriundos de realidades e de estratos sociais minoritariamente representativos. Por outro lado, não se pode negar outros elementos constitutivos reproduzem padrões hegemônicos e favorecem o consumo da série enquanto produto midiático. Busca-se, portanto, discutir com o presente artigo como se configuram as relações sobre o preconceito na história, de modo a compreender até que ponto Harry Potter, visto que é um produto de comunicação de massa, pode de fato, ou não, produzir uma reflexão sobre o preconceito e uma atitude mais tolerante às diferenças no seu público, promovendo mudanças positivas na sociedade.

Harry Potter e a indústria cultural

Há várias analogias ao longo da narrativa que fazem jus a questões historicamente já estabelecidas sobre determinadas minorias. Tal ponto faz da série Harry Potter, portanto, um interessante objeto de estudo para a discussão entre seus leitores e espectadores sobre o preconceito e a discriminação em suas distintas variáveis. A principal questão abordada no

⁷ Idem.

enredo, aliás, reflete uma discussão em destaque no cotidiano: a contraposição entre o comportamento dos personagens que aceitam as diferenças e aqueles que buscam manter o *status quo*, como no caso aqui exposto do personagem Lord Voldemort.

Contudo, apesar das possibilidades de reflexão sobre o preconceito que podem ser enunciadas pelos elementos constitutivos da série Harry Potter, seria possível que a obra, seja enquanto livro ou no cinema, permitisse uma reflexão de fato, ainda que inserida na lógica da comunicação de massa? Segundo Reese (2000) *apud* Borelli (2007), as imagens em televisão, filmes e jogos de computador são um impedimento à imaginação, pois tudo já é fornecido e cabe ao espectador apenas receber passivamente a informação. Já o leitor teria em suas mãos as possibilidades de um diretor que determina o elenco, o set de filmagens, o cenário entre outros elementos necessários à compreensão da obra, saindo de seu mundo para que, ao retornar a ele, o veja de modo diferente.

Logo, somente os livros teriam algum potencial reflexivo que levasse o público a uma atitude mais tolerante a determinadas minorias que são evidenciadas na narrativa de Harry Potter. O livro, então, seria o responsável pela atitude reflexiva verificada no público jovem em relação ao preconceito, conforme os estudos aqui já citados defendem. No entanto, é exatamente a partir do sucesso dos livros que filmes e outras mídias tomaram forma e se tornaram junto com os livros todo o sucesso comercial já conhecido⁸. Assim, o livro não deve ser pensado fora da lógica de apropriação pela comunicação de massa de elementos vigentes na sociedade.

Ressalta-se que a série de livros sobre o bruxo inglês em 2011 já tinham alcançado 400 milhões de vendas ao redor do mundo e fez sua autora na classificação da revista Forbes como a única figura literária britânica com uma fortuna calculada em mais de R\$ 2,5 bilhão. O que evidencia a afirmação de Thompson (2013) sobre o propósito da comunicação de massa:

O que agora descrevemos um tanto vagamente como ‘comunicação de massa’ é uma série de fenômenos que emergiram historicamente através do desenvolvimento de instituições que procuravam explorar novas oportunidades para reunir e registrar informações, para produzir e reproduzir formas simbólicas, e para transmitir informação e conteúdo simbólico para uma pluralidade de destinatários em troca de algum tipo de remuneração financeira. (THOMPSON, 2013, p. 53)

⁸ Ibidem.

Logo, a representação de elementos constitutivos de minorias na narrativa de Harry Potter, bem como a apropriação de discussões vigentes na sociedade é, de fato, lucrativa. A partir do momento que ela venha a produzir algum efeito em seu público que o leve a agir de forma mais tolerante às diferenças, é também quando a obra consegue superar expectativas comerciais. Por fim, o sistema vigente, que contribui para segregar minorias, se utiliza das próprias minorias e suas lutas de resistência como os elementos que inserem Harry Potter na cultura popular. Sobre a apropriação da resistência como cultura popular, Kellner (2001) analisa:

Os modos de dominação se fecham, e a resistência e a luta se despolitizam e se tornam inofensivas, criando-se assim uma ideologia da ‘cultura popular’ perfeitamente congruente com os interesses do poder vigente. Tal ‘resistência’ de fato não desafia as estruturas existentes de poder, não altera as condições materiais e não melhora as estruturas de opressão daqueles que ‘resistem’ produzindo significados e prazeres no domínio da ‘cultura popular’. (KELLNER, 2001, 59)

Os “significados e prazeres” produzidos no âmbito da cultura popular pela própria resistência que se opõe ao sistema vigente, permitem compreender que não haveria, nesse caso, uma oposição entre o preconceito então estabelecido e a sua contestação. As manifestações contrárias ao poder estabelecido acabam por dar subsídios para novas lógicas de dominação no âmbito da indústria cultural que se apropriam dos valores que a elas se opõem, inserindo-os em sua forma de atuação. Configura-se aí, pois, uma relação, em que tanto o entretenimento quanto a realidade influenciam um ao outro. Fato que lembra a reflexão de Debord (2000) em “A sociedade do espetáculo”:

Não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva: esse desdobramento também é desdobrado. O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. A realidade objetiva está presente dos dois lados. Assim estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente. (DEBORD, 2000, p. 15)

Sendo assim, Harry Potter enuncia questões que refletem algumas formas de preconceito dentre as tantas vigentes na sociedade. E nota-se que aí pode estar muito do sucesso da série, visto que a mesma provoca identificação do público com os sofrimentos

da vida real representados na forma ficcional. Atribui-se, então, sentido à narrativa apresentada enquanto um estímulo a determinada prática social. E assim também se atribui sentido ao consumo de Harry Potter em todos os seus formatos possíveis, reproduzindo a lógica da indústria cultural.

Sabe-se já, de longa data, da existência de uma estratégia de mercado midiático cujo objetivo é o de articular, no limite, as diferentes indústrias culturais; são essas estratégias que permitem que as formas culturais circulem de mídia em mídia, por meio de adaptações ajustadas aos padrões emergentes. (BORELLI, 2007, p. 3)

Há, portanto, a representação de elementos que enunciam uma pluralidade de narrativas e personagens na obra, de modo que a mesma permite uma abertura à reflexão sobre o preconceito, porém, se torna popular e se insere no padrão cultural vigente, paradoxalmente, a partir dessa apropriação de elementos representativos de minorias, as quais muitas vezes são preteridas pela própria indústria cultural na qual a obra Harry Potter se insere. Portanto, cabe compreender melhor como se configura a relação com preconceitos na obra e como tal relação é enunciada a seu público de modo que possa ter algum efeito reflexivo sobre o mesmo.

Possibilidades reflexivas sobre o preconceito

A partir do cenário que apresenta, a história de Harry Potter pode favorecer que o público, ao se identificar com os conflitos ali presentes, passe a refletir sobre suas ações na vida social, o que levaria então, a uma mudança de postura. A experiência estética tem seu valor, nesse sentido, em produzir sentimentos no público, a partir de elementos técnicos e estéticos que a compõem (BRAGA, 2010 *apud* GONÇALVES; PORTO, 2013). Em uma perspectiva comunicacional, tal pensamento reproduz uma dialética *héxis versus ethos*, apresentada por Sodré (2002, p. 84) na obra “Antropológica do espelho”, ao debater a *héxis* educativa. Nela, o autor define a *héxis* como “a possibilidade de instalação da diferença na imposição estaticamente identitária do *ethos*”. Sendo assim, verifica-se uma relação na trama de Harry Potter da postura de personagens que possuem uma maior abertura às diferenças como resultado de atitude baseada na consciência e na responsabilidade de estarem agindo da forma correta, ainda que o sistema em que se inserem abrigue, muitas vezes, ideias e valores preconceituosos. Em contrapartida, há o pensamento representado pelos personagens ligados ao vilão da história, os quais, assim como o próprio, enunciam o

preconceito contra o outro ao se negarem a aceitar alguém diferente do que consideram “sangue puro”.

Formula-se, então, um cenário com personagens que partem de uma atitude baseada na *héxis*, e outros, baseada no *ethos*. Sodré elucida a ação a partir da *héxis*, permitindo compreender o que distingue o pensamento entre os personagens.

O sujeito se apropria dos costumes herdados e tradicionalmente reproduzidos (portanto, concretamente, na moral, socialmente condicionada e limitada) com a disposição voluntária e racional de praticar atos justos e equilibrados dirigidos para um bem, uma virtude, um dever-ser, ou seja, tudo que reforce a recomendação socrática de evitar a prática de ações com as quais não se possa conviver e assim ser capaz de ganhar um potencial de liberdade e criação. Satisfaz, desse modo, uma exigência propriamente ética que, embora não pertença nesses mesmos termos de realização de uma virtude aos quadros sociais da modernidade hegemônica, vem-se mantendo através dos tempos. (SODRÉ, 2013, p. 84)

O pensamento de Sodré permite inferir uma abordagem acerca das relações sociais, a partir da prática da comparação. Em uma fala sobre a diversidade, o autor demonstra que a comparação com o outro é o ponto de partida para o preconceito, ao afirmar que “o preconceito é o saber automático sobre o outro” (SODRÉ, 2011). Sendo assim, a comparação em nada nos mostraria de informação relevante sobre o conhecimento acerca do outro, mas permitiria que aquele que faz a comparação se sobrevalorize e rebaixe o termo comparado.

Pode-se dizer que aí está a raiz da intolerância quanto ao diferente. No caso da trama de Harry Potter, uma das principais discussões que envolvem preconceito é o de que quem não tem ascendência totalmente bruxa é considerado “sangue ruim” (o que viria a ser a maior ofensa possível de se receber entre os bruxos). Nesse caso, rebaixa-se à condição de inferior a pessoa que sofre tal comparação com aqueles que são de família totalmente bruxa. Esse é o discurso dos chamados Comensais da Morte, bruxos que acompanham o vilão Lord Voldemort em sua busca pelo poder e eliminação de seres por eles entendidos como inferiores.

No entanto, como afirmar que no grupo dos que se consideram superiores há uma identificação entre iguais? Há de se considerar que mesmo dentro de um grupo com propósitos semelhantes, há diferenças. Sobre a questão da diferenciação, Hall observa:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às

vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença*. (HALL, 2006, p. 21)

Percebe-se, portanto, que o processo de identificação, antes permeado por pelas semelhanças encontradas em uma mesma classe social, hoje é determinado pelo que diferencia os indivíduos. Nesse sentido, o problema da diferenciação está no fato de que o senso comum pensa que a identidade está dada, não sabe fazer a diferença (SODRÉ, 2011). Pensamento que se apresenta equivocado, como demonstra Hall:

“A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2006, p. 13)

Considerando, assim, o que se apresenta a partir do senso comum, aquele que é considerado diferente em comparação a um determinado padrão, tende a permanecer isolado dos demais. O protagonista Harry Potter muitas vezes, em função de sua singularidade, se encontra isolado do convívio de outros personagens, visto que passa por situações que os demais não passam. Nesses momentos, somente os personagens que são efetivamente do seu círculo de amigos se mantêm com ele. Tais personagens, aliás, também sofrem alguma forma de preconceito ao longo do enredo: seja por ter baixo poder aquisitivo (Rony), por ser filha de “trouxas” (Hermione) ou por ser de família de gigantes (Hagrid).

A relação de um personagem com o outro dentro deste círculo de amizade é essencial para compreender a relação com o diferente e como a mesma pode se configurar, ou não, em preconceito. No caso, a relação de protagonismo na narrativa de Harry Potter está intrinsecamente ligada à compreensão do outro, o que é uma das bases para a tolerância ao diferente. Fator que pode enunciar princípios reflexivos ao público leitor/espectador da obra.

Considerações Finais

Não se pode afirmar que, necessariamente, a trama de Harry Potter promova, por si só, mudanças positivas na sociedade, visto que se insere enquanto produto midiático em uma lógica de consumo a partir da pluralidade que propõe. Porém, nota-se que a série,

embora não tenha por princípio a discussão de preconceitos, tem o tema como um dos elementos principais de sua narrativa. A história contada remete a choques culturais que, na estrutura ficcional, acabam por levar à reflexão de questões que se apresentam na sociedade, pontuando, principalmente nos protagonistas ao longo de toda a trama, a importância de saber lidar com as diferenças e ter uma atitude tolerante com o outro, uma vez que este representa o diferente, o que pode abrir discussões acerca do preconceito.

Nesse sentido, uma análise à luz do conceito de alteridade pode permitir uma compreensão maior das questões aqui levantadas ainda de modo incipiente. Cabe, então, pesquisar por meio de análise de elementos da narrativa, compreender como se configura um aspecto de alteridade na história da série através de estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

BORELI, Silvia Helena Simões. Harry Potter: Conexões Midiáticas, Produção e Circulação, Cenários Urbanos e Juvenis. In: VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação e Culturas Urbanas, 2007. Acesso em 16/07/2015.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

GONÇALVES, Fernando; PORTO, Adriana Corrêa Silva. **Considerações sobre o culto à imagem em Game of Thrones: experiência estética e recepção**. [S.l.]: Revista Geminis, 2013. Disponível em <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/133>> Acesso em: 25/09/2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A. 2006.

_____. **Da diáspora: identidades de mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

SMADJA, Isabelle. **Harry Potter: as razões do sucesso**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2004.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis. Vozes, 2013.

_____. **Invenção do Contemporâneo. A ignorância da diversidade**. 49'53''. TV Cultura, 2011. Disponível em <<http://www.cpfcultura.com.br/wp/2011/04/05/a-ignorancia-da-diversidade-%E2%80%93-muniz-sodre/>> Acesso em 08/07/2015.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: 2013.